

NIHILO

Gabriel Alencar¹

Naquele dia me vi no meio da brancura do vazio. Havia apenas uma mesa no centro e duas cadeiras. Aproximei-me e vi um baralho infinito de cartas. Quando levantei a vista, a Morte estava sentada em uma das cadeiras.

– Podemos começar? – ela disse, embaralhando.

Eu me sentei e ela distribuiu as cartas. Jogamos por horas a fio, mas ela não conseguia ganhar de mim e nem eu dela. Por fim, eu sugeri:

– Quer declarar empate?

Ela levantou os olhos de escuridão e franziu o cenho:

– Ora... isso é deveras incomum – disse, recostando-se na cadeira.

Tamborilou os dedos na mesa por alguns segundos, sempre me encarando e analisando. Olhou novamente para suas cartas, para o baralho. Estava calculando as suas chances. Ela sabia tão bem quanto eu que o empate era certo. Mas eu também sabia que ela tinha compromissos. Eu não. Aliás, aquele era o meu compromisso mais importante e eu não me importava nem um pouco de adiá-lo o máximo possível.

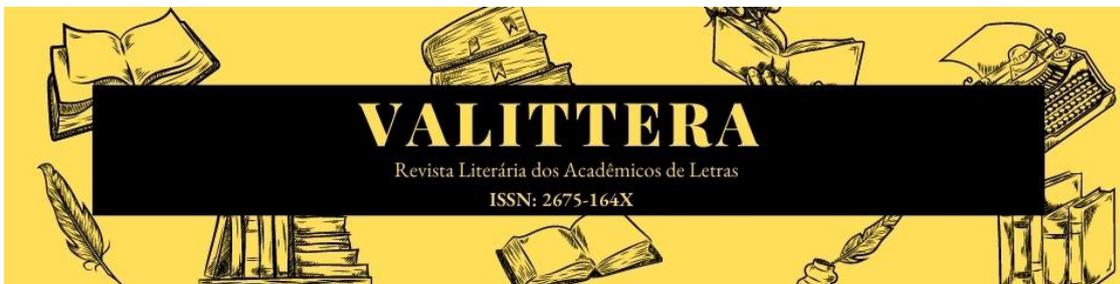
– Está bem – ela declarou, por fim, colocando suas cartas sobre a mesa.

Eu suspirei aliviado. Porém, naquele momento, me ocorreu:

– Mas... e agora?

Se a Morte pode sorrir, ela o fez naquele momento.

¹ E-mail: gabriel.souzalencar@gmail.com.



– Agora você fica aqui. Até a hora que eu voltar para terminarmos o nosso jogo.

E antes que eu pudesse argumentar qualquer coisa, ela sumiu num piscar de olhos, tal como havia surgido. E eu fiquei na imensidão branca. Ainda havia a mesa, as cadeiras e o baralho infinito de cartas.

Eu contemplei o não-tempo por um bom tempo. A parte boa é que meu corpo não se cansava. Na verdade, eu descobri que poderia contemplar a brancura infinita por toda a eternidade sem precisar de repouso. Mas, diferente do meu corpo, minha mente ficou entediada. Descobri que nem com tempo infinito as pessoas teriam paciência. Não se trata de tempo, afinal.

Encarei novamente o baralho de cartas e distribuí-as aleatoriamente sobre a mesa. Não havia significado algum naquilo, tampouco objetivo, uma vez que – irônico – agora eu precisava da Morte para viver.

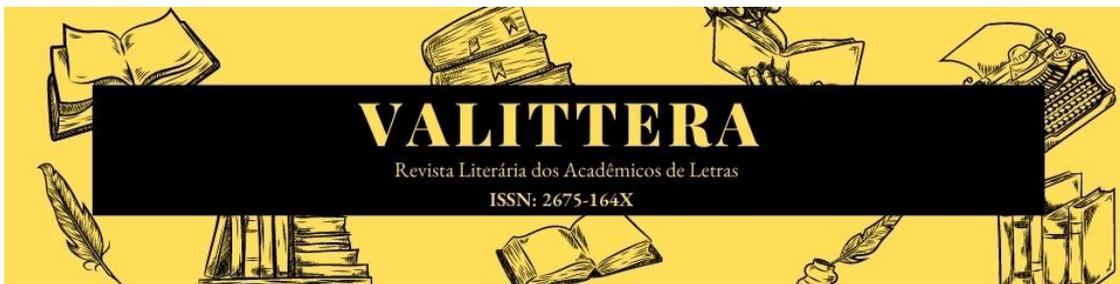
E enquanto ela não chegava, o jeito foi passar o tempo.

Eventualmente o tempo não passou, é claro. E eu fiquei louco. Lembro-me de em certo momento comer as cartas, apenas para vê-las surgir de novo sobre a mesa; em outro, tentei jogar minha cabeça contra a mesa, mas não senti nada. Notei que tornava-me um paradoxo de mim, existindo no não-espaco e no não-tempo sem perspectiva nenhuma de vida, tampouco de morte. E assim a loucura se instalou. Mas, com o passar do não-tempo, cansei-me da loucura também.

Quando a Morte voltou, encontrou-me sentado, feito menino no primeiro dia de aula, já com as cartas distribuídas e o baralho sobre a mesa. Tudo muito bem arrumado.

– Você parece diferente – ela disse para mim.

– Você não – respondi.



À mesa, iniciamos novamente o jogo. Enquanto a partida seguia, eu perguntei:

– Por que você foi embora?

Havia algo de diferente no seu rosto, eu notei. Ela respondeu:

– Não entendi a pergunta.

– Você foi embora.

– Ora, foi você mesmo que pensou: eu tenho mais o que fazer.

– Não tem, não.

Paramos de jogar e ela levantou a vista nula para mim.

– Eu sabia que você estava diferente.

– Aqui é o não-tempo – eu continuei, ignorando-a. – Você poderia ter ficado aqui o quanto fosse necessário, sem que isso atrapalhasse seus planos. Por que então você foi embora?

Ela olhou para suas cartas novamente e continuou a jogar. A partida se desenrolou por algum tempo até eu perguntar:

– O que eu estou fazendo aqui?

Ela suspirou. Baixou as cartas sobre a mesa.

– Você chegou a ficar louco? – ela perguntou.

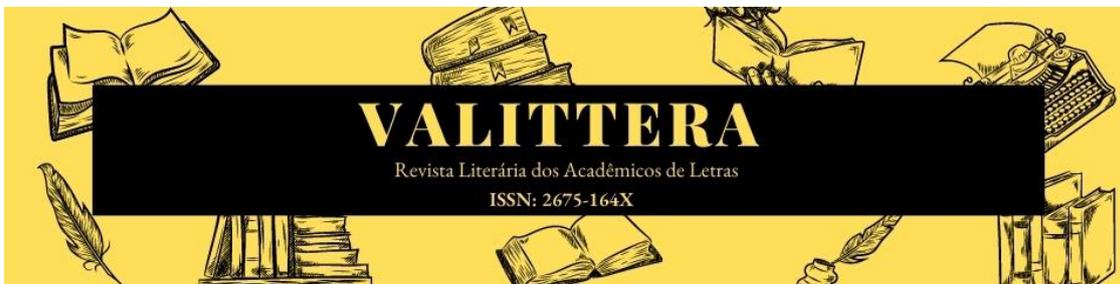
– Sim, mas passou.

– Naturalmente.

– Não tem nada de natural nisso.

– É, não tem mesmo.

Ela se levantou e pegou a foice, apontando-a para mim. Eu permaneci imóvel na cadeira, esperando que ela desferisse o golpe. Mas ficamos naquela posição por todo um não-



tempo. Aguardei incólume o veredito injusto, uma vez que o jogo ainda permanecia empatado.

Ela enfim baixou a foice e me perguntou:

– Como você veio parar aqui?

Eu ouvi a pergunta e tentei lembrar. Pisquei os olhos, um pouco atordoado, e tive alguns lampejos de lembrança.

– Eu imagino que tenha sido por causa do vírus – respondi.

– Correto. E o que você tem lá?

– Nada.

– Como nada?

– Eu fui o último a ser levado pelo vírus.

– Não seja incongruente – ela respondeu, irritada. – Eu acabei de voltar de lá. Ainda há pouco enviei milhares. Você não foi o último.

– Não foi isso que quis dizer – expliquei. – Quero dizer que não me sobrou nada. Todos os meus partiram, e nada do que restou me serve, agora que eles se foram.

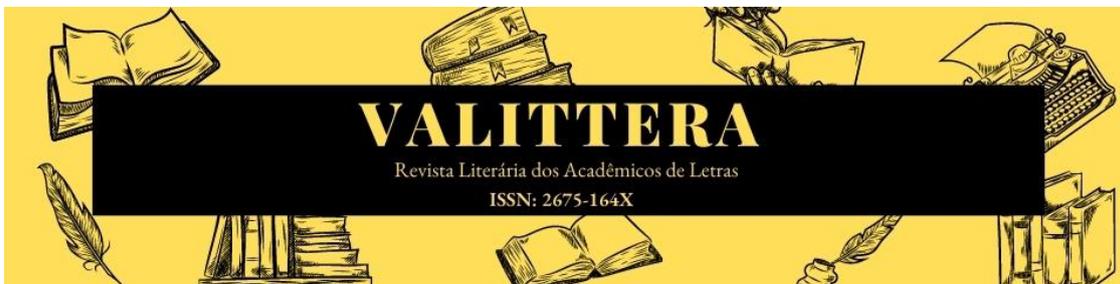
Novamente, se a Morte pode sorrir, ela o fez.

– Eu esperei muito tempo por isso – disse.

Ela respirou fundo, aliviada. Era como se tivesse relaxado pela primeira vez desde que chegou. Era isso que estava errado com ela, parecia tensa por algum motivo. Ela continuou:

– De tempos em tempos, passado alguns éons, isso acontece – ela começou a se desfazer do seu capuz e túnica. – Levante-se, por favor.

Eu obedeci, num misto de curiosidade e respeito. Naquele momento, por um pequeno não-momento, pareceu-me que não falava com a Morte, mas com um igual.



– O que você está fazendo? – perguntei.

– Não me interrompa.

A túnica caiu no chão do vazio e a Morte era o Nada. Se eu não tivesse conhecido a loucura antes, não teria aguentado o que se passou. A foice permanecia em pé ao seu lado. Ela a pegou com suas não-mãos e se aproximou de mim.

– A cada tantos éons, a Morte pode finalmente descansar – pela terceira vez, ela sorriu. – É claro que o mundo não pode ficar sem a morte, mas eu, a Morte, posso descansar.

– Como isso é possível?

Ela pegou a foice e me entregou.

– É que agora eu não sou mais a Morte.

Eu tomei a foice e no ímpeto feroz da não-existência, no grito absoluto do silêncio, na vastidão da destruição infinita, eu a golpeei. A lâmina cortou a realidade e ela já não existia mais. No não-tempo que se seguiu, eu peguei a túnica.

– Chega deste vazio.

Era hora de trabalhar.